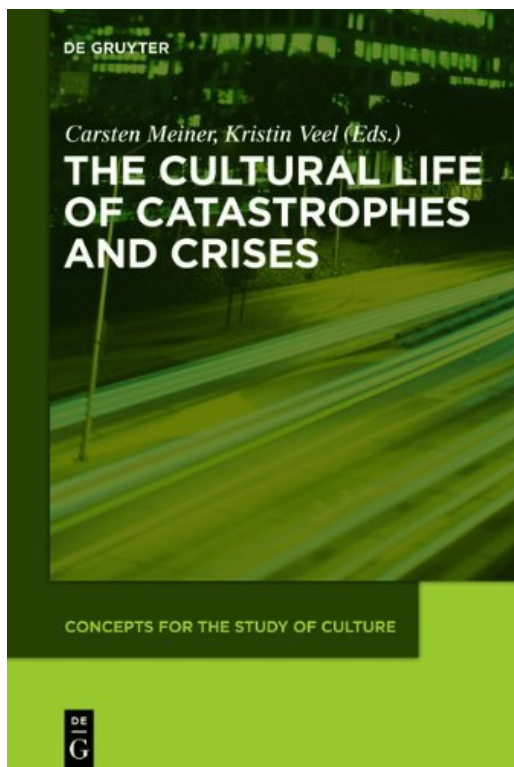


Recensão

‘The Cultural Life of Catastrophe and Crises

ELSA ALVES

(CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA,
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)



The Cultural Life of Catastrophes and Crises. Carsten Meiner, Kristin Veel (Eds.). Berlin, Boston: Walter De Gruyter, 2012. 310 pp.

The Cultural Life of Catastrophes and Crises é uma antologia de artigos sob o tema da vida cultural das catástrofes e das crises, quer dizer, do “cultural turn” ou *viragem cultural* do estudo sociológico dos fenómenos catastróficos e críticos ou “disaster studies”, a sua designação anglo-saxónica. A análise cultural propõe-se a

estudar o papel das representações culturais (romances, poesia, fotografias, filmes, etc., mas também filosofia e religião) na percepção, entendimento e imaginação das catástrofes e crises, segundo o princípio de que o evento, na sua imediatez e ao longo

do rescaldo, não obstante o seu carácter excepcional, é enformado por padrões culturais colectivos.

As catástrofes e crises estudadas no livro são muito díspares, tanto na sua natureza como no seu contexto histórico-cultural: desde a crise na República de Weimar (Capeloa Gil), o Holocausto (Mackintosh), os conflitos resultantes da partição da Índia e Paquistão (Joshi), o genocídio no Ruanda (Nyirubugara), a guerra da Bósnia (Šprah), os ataques terroristas do 11 de Setembro (Kooijman, Bjørnsten e Gonçalves), à crise ecológica e económica do capitalismo e aos cenários distópicos da ficção científica (no segundo artigo de Holm, e nos de Perret, Brodesco e Meyhoff) e da poesia pós-moderna (Dietrich). As abordagens teóricas também são múltiplas: os artefactos culturais estudados são declinados segundo diferentes perspectivas ou *esquemas cognitivos* (“cognitive schemes”), de acordo com a expressão usada no primeiro ensaio de Isak Winkel Holm, “The Cultural Analysis of Disaster” (19), tais como o conceito psicanalítico de trauma, a teodiceia leibniziana, ou o apocalipse da escatologia cristã. Por sua vez, os conceitos de catástrofe e crise não aparecem suficientemente distintos, salvo uma breve tentativa logo na introdução (1) e uma mais demorada no artigo de Ansgar Nünning, “Making Crises and Catastrophes” (66 *et seq.*), desvelando-se tacitamente, e questionavelmente, como conceitos de significado comutável.

O trabalho de edição propôs-se a colmatar a dispersão imanente ao organizar os ensaios segundo os supostos movimentos dialécticos da dinâmica cultural das catástrofes e das crises, transversais aos diferentes contextos históricos, geográficos e metodológicos – o *pensar* (“thinking”), o *testemunhar e recordar* (“witnessing and remembering”), o *imaginar* (“imagining”) e o *desejar e consumir* (“desiring and consuming”). A razão subjacente é que cada uma destas atividades cognitivo-afectivas corresponde a uma ação distinta no processo cultural de dar sentido às catástrofes e crises. Contudo, o recurso heurístico à tradição epistemológica da

divisão das faculdades mentais revela-se insuficiente e a obra perde coesão analítica. Na *vida cultural* de uma catástrofe ou crise, o desejo, a imaginação, a memória e o raciocínio estão sempre presentes e interdependentes. Ainda assim, a diversidade fragmentada permite ao leitor não familiarizado uma leitura propedêutica não generalista do debate, mas reflectida em vários ângulos precisos, uns complementares, outros contrários. Neste contexto, os três primeiros artigos, de Isak Winkel Holm, Knut Ove Eliassen e Ansgar Nünning, funcionam como leituras-chave, dado o seu enfoque introdutório e programático à questão.

Em “The Cultural Analysis of Disaster”, já mencionado acima, Winkel Holm apresenta-nos a viragem cultural do estudo do desastre desdobrada em duas premissas centrais e concomitantes. Em primeiro lugar, todo e qualquer desastre é sempre criado, ou pelo menos co-criado, pelo homem, é artificial mesmo que seja *natural*, ou seja, os efeitos de fenómenos catastróficos naturais como terremotos ou tsunamis dependem em grande parte, senão totalmente, da contribuição humana, na medida da sua *vulnerabilidade*, i.e. das condições (sociais, económicas e políticas) que predeterminam a amplitude do impacto. Em segundo lugar, o modo como se atribui sentido a um desastre depende necessariamente dos tropos, conceitos e narrativas do imaginário colectivo de uma determinada sociedade, disseminados sobretudo pelos *media* e cultura de massas. Por seu turno, esta infraestrutura simbólica reenvia constantemente para referências anteriores, nomeadamente religiosas, como os mitos escatológicos. A análise cultural dos desastres assenta, precisamente, na identificação dessa miríade de formas mentais e institucionais que estruturam a nossa percepção do desastre.

Segundo Winkel Holm, os dois modelos teóricos que têm, até agora, sustentado o que é dito sobre a imaginação cultural do desastre, a crítica marxista da ideologia e a análise de discurso foucaultiana, pecam por insuficientes. Por um lado, as metáforas e os outros recursos figurativos que se utilizam para fazer subsumir o

desastre à norma do dia-a-dia não se tratam (apenas) de uma falsificação ideológica que esconde a realidade – o desastre em si – mas são instrumentos necessários para lidar com o choque que, de outra maneira, seria incomportável. Por outro lado, a imaginação cultural do desastre não se limita às formas de linguagem científica organizada, como por exemplo o discurso da gestão do risco, antes ultrapassa-as, ao aglutiná-las à imaginação cultural não-verbal e pré-tematizada.

Assim, em alternativa, o autor propõe como enquadramento teórico da análise cultural dos desastres o *imaginário social* (“social imaginary”), apoiado em pensadores como Cornelius Castoriadis e Benedict Anderson. Dentro deste imaginário, as soluções para lidar com as catástrofes e crises têm sido, desde a modernidade e o debate em torno do terramoto de Lisboa de 1755, reduzidas. Winkel Holm percorre sucintamente alguns dos conceitos operativos em voga tais como o sublime, o trauma, o estado de emergência, o risco, a teodiceia, o apocalipse, etc. Por fim, adverte que o uso recorrente do conceito de trauma impede muitas vezes a compreensão do fenómeno catastrófico na sua dupla dimensão cultural acima enunciada: os desastres nunca são naturais, puros factos processados *a posteriori* pela cultura, mas sim, desde logo, artefactos mediados pelas estruturas culturais colectivas.

Um excelente exemplo no livro que espelha a crítica ao conceito de trauma é o artigo de Jaap Kooijman, “Dreaming the American Nightmare – The Cultural Life of 9/11”, onde se discute o impacto cultural dos ataques terroristas do 11 de Setembro. Segundo o autor, os relatos em primeira pessoa, em singular ou plural, dos acontecimentos do 11 de Setembro encaram-no como um evento traumático, omitindo, por sua vez, tanto a sua natureza essencialmente política, como também o sofrimento daqueles que se encontram fora da circunscrição de um “eu” ou “nós”, pronome de americano ou ocidental. Neste caso, a redução do evento ao mecanismo do trauma resulta num dualismo acríptico entre um “eu” e um necessariamente

“outro”, estoutro claramente não-ocidental e anti-americano. Duas estratégias de artistas holandeses, o projecto multimédia “The American I Never Was”, de Chris Keulemans, e o filme “New York is Eating me & the Cactus Dance”, de Jeroen Kooijmans, são sugeridas como contra-exemplo àquelas narrações. Enquanto europeus influenciados pela cultura popular americana, os realizadores questionam criticamente a sua identidade, não resvalando no fácil patriotismo maniqueísta.

O segundo artigo, que pode ser considerado de cariz introdutório, “Catastrophic Turns – From the Literary History of the Catastrophe”, de Knut Ove Eliassen, propõe uma perspectiva histórica e etimológica do conceito de catástrofe, fundamental quando se discute a vida cultural das catástrofes e das crises. Tal como o autor afirma, catástrofe não significa caos, nunca é uma destruição absoluta, mas relativa a um determinado indivíduo ou comunidade, a um determinado lugar e tempo. Se as catástrofes são construções sociais e culturais, elas são necessariamente históricas. Assim sendo, Ove Eliassen percorre o conceito de catástrofe na história da cultura ocidental: na *Poética* aristotélica, no Renascimento francês de Rabelais, no Romantismo de Jean-Jacques Rousseau, na escola da teoria crítica de Frankfurt e, por fim, através do escritor de ficção científica americano Kurt Vonnegut. O significado original de catástrofe designava a peripécia na tragédia grega, o momento final quando o destino do herói finalmente se revelava. Contudo, esta noção de reviravolta ainda não tinha o significado moderno de completa inversão de ordem ou revolução. Rousseau, enquanto teórico central do Iluminismo, será o primeiro, antes mesmo de Adorno, Horkheimer e Benjamin, a identificar catástrofe com civilização. A tese de que o *continuum* histórico constitui, em si mesmo, um processo catastrófico é, assim, antecipada pelo filósofo francês. No século XX, sobretudo no rescaldo das Grandes Guerras, a catástrofe torna-se uma condição permanente, esgotando a sua potencialidade de mudança e diferença. Perante o “eterno retorno” da catástrofe, Ove

Eliassen propõe a solução nietzscheana de dissipar o terror através do riso afirmativo e catártico, nos exemplos de Rabelais e Vonnegut.

Análogo a esta condição moderna de emergência descrita por Ove Eliassen, destaca-se o artigo de Isabel Capeloa Gil: “The Visual Literacy of Disaster in Ernst Jünger’s Photo Books”. Trata-se de um estudo dos sete álbuns fotográficos concebidos e editados por Jünger durante a República de Weimar, onde o escritor propõe a catástrofe como uma nova ordem ou o regresso a um estado original, quando o momento do perigo ou o risco eram afirmados positivamente como condição necessária à existência. A fotografia surge como o meio privilegiado para o processo de anamnese, dada a sua capacidade de (re)produzir infinitamente o evento – a morte iminente. Contudo, segundo Capeloa Gil, neste regime de representação da catástrofe não há catarse possível, mas, ao invés, uma paralisia ou apatia que decorre dessa banalização do evento catastrófico que prevê, de resto, o destino contemporâneo da mediatização ou espectacularização do desastre.

Por fim, destaca-se o artigo de Ansgar Nünning, “Making Crises and Catastrophes – How Metaphors and Narratives shape their Cultural Life”, onde o autor propõe uma investigação sobre as metáforas que moldam a maneira como percebemos as catástrofes e as crises. Quando se procura definir o que é uma catástrofe ou uma crise, recorre-se ao uso de metáforas que não são mais do que narrativas condensadas em palavras. Estas narrativas são cosmologias ou visões do mundo dominantes num determinado tempo e lugar e que influenciam de maneira determinante aquilo que se entende por catástrofe ou crise. No entanto, as metáforas não se devem entender, segundo o autor, enquanto veículos meramente passivos de uma ideologia superestrutural, mas enquanto criadoras autónomas de sentido. O modo, portanto, como se lida com o evento catastrófico, se o pensa ou imagina, depende dessas categorias infra-estruturais que se impõem quase sempre de forma implícita ou inconsciente. Nesta medida, Nünning desenvolve no seu ensaio uma

narratologia e metaforologia da crise, ou seja, um percurso em parte semelhante ao empreendido por Knut Ove Liassen em relação à catástrofe. Precisamente porque a noção de crise cobre uma série de eventos muito diferentes entre si, o objectivo será perceber o que têm todos estes eventos em comum e por que a retórica da crise é tão presente na nossa sociedade. O autor conclui que o uso do termo crise é uma metáfora para atrair atenção e causar celeuma, usada especialmente através dos canais mediáticos, integrando-se na lógica de consumo sensacionalista, muitas das vezes sem referente real.

Em conclusão, “The Cultural Life of Catastrophes and Crises” é uma coleção relevante de artigos para uma introdução ao estudo crítico das catástrofes e das crises no âmbito disciplinar dos estudos de cultura. Tendo em conta que na cultura contemporânea o motivo da catástrofe e o discurso da crise são cada vez mais recorrentes e presentes, a análise cultural, seja através do conceito de “imaginário social” proposto por Holm, da genealogia de Ove Eliassen, da narratologia e metaforologia de Nünning, ou da literacia visual de Capeloa Gil, deve averiguar o porquê de tal omnipresença e os modos em que se afigura, sendo a antologia em questão um bom início.